

*O encanto da França consiste em ser uma nação de indivíduos e espíritos livres. Mas com a sua insistência na liberdade do indivíduo, os franceses vivem enredando seu país em inúmeras complicações*

# GÊNIO E ESPÍRITO DOS FRANCESES

*David Schoenbrun*

Correspondente da Columbia Broadcasting System em Paris



É RARO VER-SE UM francês bêbedo, mas a França tem o índice de alcoolismo mais alto do mundo. Os franceses são patriotas fervorosos, mas investem seus capitais no estrangeiro. O francês é econômico até à avareza nos seus negócios de família, mas não hesita em dilapidar o Tesouro Nacional. O francês se orgulha de seu espírito lógico, mas desliga o sistema de aquecimento precisamente a 21 de março, oficialmente o primeiro dia de primavera, ainda que esteja nevando. Um deputado francês pronuncia discursos inflamados no Parlamento sôbre a importância de sufocar a rebelião na Algéria, e depois vota contra um projeto de aumento de impostos para custear a sufocação da revolta. O francês não quer outra coisa senão o direito de viver em paz, e no entanto a França tem vivido

em guerra mais tempo do que qualquer outro país do mundo.

Êsse dualismo confunde os que não distinguem entre o que os franceses fazem na prática e o que pregam. Se fôssemos acreditar no que os franceses dizem, ficaríamos convencidos de que êles são totalmente indiferentes à política. Entretanto, 80% dos eleitores alistados comparecem às urnas no dia das eleições, o que corresponde a um dos melhores níveis de atenção política no mundo ocidental. E em geral reelegem aquêles mesmos homens e partidos que declaram desprezar.

O motivo dessas contradições entre palavras e atos é que o francês tem horror de parecer estúpido ou ingênuo. Detesta ser enganado, mas detesta ainda mais que se saiba que o fizeram de tolo. Assim, faz de conta que é céptico e finge não acreditar em coisa alguma e em ninguém.

Dêsse modo, engana-se apenas a si mesmo, o que é menos penoso.

O mêdo de parecer tolo é a expressão negativa de uma fôrça positiva que serve de motivação à conduta francesa: o culto da inteligência e do saber. O intelectual é o padrão de herói da sociedade francesa contemporânea. Pode ser professor de Filosofia ou um romancista sério, membro da Académie Française. Pode ser até político. Os intelectuais franceses participam vigorosamente da vida política do país e os políticos participam da vida intelectual da nação. O escritor François Mauriac, por exemplo, laureado com o Prêmio Nobel, escreve semanalmente uma coluna política para o jornal *L'Express*. Não há no mundo imprensa que dedique tanto espaço a discussões teóricas e filosóficas como a francesa.

Êsse culto da inteligência é a melhor e, ao mesmo tempo, a pior característica dos franceses. É a fôrça que criou a sociedade mais civilizada e mais letrada do mundo. É também uma doença que faz apodrecer essa sociedade. O intelectualismo chegou na França ao ponto do absurdo. Os debates do Parlamento e a polêmica na imprensa são brilhantes, quanto a linguagem e erudição, mas têm pouca relação com a realidade. O francês, que é o mais livre e o menos conformista dos pensadores, torna-se escravo de seus próprios dogmas. Um estadista francês disse certa ocasião que preferia perder uma colônia a transigir numa questão de princípio.

E foi mantendo a rigidez de seu "princípio" que a França conseguiu perder a maioria das suas colônias.

Êsse intelectualismo dos franceses encontra-se em tôdas as camadas sociais. O garçom de café, o chofer de praça, a suposta gente humilde da França, são os mais estimulantes (e freqüentemente os mais exasperantes) conversadores do mundo. De todos, os mais anarquistas e mais tagarelas são os choferes de praça. Eu provooco intencionalmente discussões com êles para ver o que vão dizer. Das centenas de discussões dessa natureza, há uma que guardei na memória, porque é um exemplo estupeiando de coisas que só acontecem na França.

Era meia-noite e nós trafegávamos pelo Quai d'Orsay, com destino a minha casa, na *rive gauche*, quando o chofer diminuiu a marcha por causa de um sinal vermelho, e depois, imprimindo novamente velocidade ao carro, furou-o. A mesma coisa se repetiu alguns minutos depois. Ao pagar ao chofer, observei:

—O senhor não se envergonha de infringir a lei e pôr em perigo a sua própria vida?

Êle me olhou espantado.

—Envergonhar-me de quê? Ao contrário. Só tenho de que me orgulhar. O senhor algum dia já pensou no que significa uma luz vermelha?

—É um sinal de parada e significa que o tráfego se está movendo na outra direção.

—A definição está mais ou menos certa, mas incompleta—respondeu o

chofer.—O sinal de parada é automático. E não quer dizer que haja tráfego em outra direção. O senhor viu algum carro? Claro que não. Eu diminuí a marcha e olhei com cuidado. Então? Acha que eu devia parar como um animal irracional, só porque uma máquina automática e sem inteligência fica vermelha de 40 em 40 segundos? Não, *monsieur!*—berrou êle.—Eu sou homem, não sou máquina. Tenho olhos, cabeça e capacidade de pensar, que Deus me deu. Estaria pecando contra a natureza se deixasse êsses diabos de máquinas pensarem por mim. Boa-noite, *monsieur*.

Será isso mau, será bom? Francamente, não tenho mais certeza. A originalidade intelectual dos franceses é uma influência corruptora, quando se fica sujeito a ela por muito tempo. Nunca tive dúvidas de que era errado furar um sinal vermelho. Ao cabo de dez anos de Paris, entretanto, verifico que meus princípios anglo-saxônicos estão um pouco abalados. Continuo a achar que é errado atravessar um sinal vermelho, *exceto* talvez muito tarde, à noite, depois de ter observado cuidadosamente, para ter certeza de que não há tráfego em outra direção. Afinal de contas, eu sou um homem e não uma máquina...

Outro francês que não tem nada de máquina é Roger, o Rã, dono de um restaurante de Paris. Roger dirige a La Grenouille, restaurante boêmio muito popular, na *rive gauche*. A especialidade da casa são pernas de

rãs, daí o apelido do dono, embora êle pareça mais um esquilozinho alegre. Baixinho, musculoso, com olhos pequenos e vivos, sempre cintilando, corre por entre a freguesia, sem uma pausa para respirar.

Tarde da noite, quando o movimento diminui, Roger tem tempo para sentar-se e conversar, com um copo de vinho diante de si. É então que se chega a conhecê-lo—um trabalhador enérgico, bem formado e bondoso. Ajuda um orfanato, dedica às crianças grande parte de seu tempo e de seu dinheiro, e constantemente amola os amigos e fregueses para que mandem donativos. Roger leva uma vida plena e satisfatória, já fêz muita gente feliz, e é um homem feliz. Sua atitude em relação à vida e ao trabalho é caracteristicamente francesa.

Ouvi a filosofia pessoal de Roger uma noite, quando me queixei porque o seu restaurante fechava nos fins-de-semana, justamente quando eu mais gostaria de ir lá. Disse-lhe que com isso êle perdia muito negócio.

—E para que é que eu quero mais negócio?—foi a resposta.—Já ganho o suficiente para cuidar de minha família e dos órfãos. Mais negócio? Só se fôr para pagar contas de médico. O senhor não acha que eu preciso de uma ou duas noites de folga? Acha o senhor que é o único a gostar de farras na noite de sábado? Não, meu amigo, nos fins-de-semana eu não trabalho. Vá comer noutra lugar. Assim apreciará mais o velho Rã

na volta. E será sempre La Grenouille, minha casa, para receber meus amigos, e não uma fábrica para produzir refeições e dinheiro.

É isso que distingue os restaurantes franceses, essa qualidade individual e pessoal. O restaurante e o café são os verdadeiros centros sociais da vida francesa, e o ato de comer ou beber é um ritual social que permite os contatos humanos mais cordiais e mais agradáveis, num clima de liberdade intelectual que é único no nosso mundo.

Já é lugar comum dizer que os franceses são individualistas e que é o seu individualismo que impede um governo estável e eficiente e que mina a economia e mantém a França dividida e enfraquecida. Isso é verdade e é óbvio, mas o que raramente se analisa é a causa do individualismo francês.

O individualismo não é um fenômeno biológico. Há séculos que os franceses vêm precisando lutar pela defesa de seus lares, de suas propriedades e de sua liberdade, não só contra vizinhos estrangeiros, mas contra seus próprios compatriotas. O que uma geração lega à outra é desconfiança de qualquer autoridade, da própria sociedade, e acima de tudo a convicção de que o homem só pode contar consigo mesmo.

Lembro-me de uma discussão sobre essa atitude "pouco cívica", num jantar em Paris, com cidadãos importantes. Falávamos da capacidade dos franceses para contornarem a burocracia e obterem privilégios espe-

ciais. Eu disse que não conhecia um só francês de projeção que não tivesse obtido um *coupe-file blanc*, ou seja, um cartão branco fornecido pela polícia e que normalmente só é concedido a funcionários categorizados.

Todos os franceses presentes riram e puxaram cada um do seu cartão. Nenhum deles tinha direito a isso. Todos eram cidadãos bem instalados, cumpridores da lei, mas eram também hábeis na arte de conseguir vantagens. E isto é imprescindível para se viver na França, corresponde ao nosso "êle sabe se virar".

A atitude do francês reflete mais uma falta de consciência cívica do que um sintoma de ser êle mau cidadão. Os franceses fazem uma distinção marcada entre a nação e seu governo; a verdadeira fidelidade do homem é à República e não a uma administração qualquer. É uma distinção salutar, pois não há na França administração que se mantenha no poder tempo suficiente para pôr à prova a fidelidade do povo.

Eu diria que as escolas são o lugar apropriado para se começar o trabalho de criar um senso de orgulho cívico e de espírito de comunidade entre os franceses individualistas. Atualmente, o sistema educacional não faz qualquer tentativa nesse sentido. É voltado inteiramente para o desenvolvimento do indivíduo. A criança francesa é julgada não só pelos seus conhecimentos de uma matéria, mas sobretudo em relação a outras crianças. É sempre uma questão de criança contra criança, em

exames competitivos. Essa concorrência constante, essa insistência em distinções ou insucessos só pode resultar nas rivalidades e discórdias rancorosas que são características da sociedade francesa.

Não é de espantar, portanto, que a política francesa esteja sempre em crise e que seja impossível formar uma coalizão duradoura entre os partidos no Parlamento. Os políticos põem a culpa disso numa constituição defeituosa. Mas a melhor das constituições é inútil quando posta em prática por indivíduos desordenados e pouco dispostos à cooperação, como é o caso da maioria dos legisladores da França. Podem ser também homens educados e cultos, mas o seu talento é em grande parte, desperdiçado, porque êles nunca chegaram a adquirir espírito de comunidade.

Os franceses têm, naturalmente, consciência da degeneração dos costumes e da moral do povo e de quanto isso pesa na estrutura social. Ao mesmo tempo, desconfiam do coletivismo. Consideram o livre desenvolvimento do espírito humano como o seu patrimônio mais precioso, ainda que isso represente também um obs-

táculo ao seu progresso material.

Mas a fortaleza do individualismo foi invadida. A França não vive no vácuo, e mesmo que os franceses resistissem a alterações no próprio país não poderiam evitar que o mundo mudasse. As revoluções dos povos coloniais, a entrada da Rússia em cena como potência mundial, o declínio da Europa e sua dependência dos Estados Unidos, tôdas essas transformações da última década abalaram a França e estão forçando os franceses a enfrentarem as realidades de um mundo que se transforma. Quer queiram quer não—e êles não querem, de modo algum—os franceses desta geração vêem posta em cheque, como nunca na história do país, a sua maneira de viver. Aconteça o que acontecer, um resultado é certo: o tradicional individualismo da França morrerá com isso.

Seria, porém, uma tragédia para o mundo inteiro, tanto quanto para a França, se não houvesse lugar na nova França para homens como Roger, o Rã, ou o chofer de praça que confia mais na inteligência que Deus lhe deu do que em sinais automáticos.



RUSSEL LYNES, em seu livro *A Surfeit of Honey* (Fartão de Mel), conta como começou a pensar no sentido hodierno da palavra "dama", se é que essa palavra tem mesmo algum sentido. Sua pesquisa teve um comêço nada promissor quando êle apresentou o problema à sua filha de 16 anos.

—Você sabe o que é uma dama?—perguntou Lynes.

—Puxa—disse ela—*desta vez* que foi que eu fiz? —Editado por Harper